

## Na luta contra o peleguismo

A parcela de 60% do Imposto Sindical, descontado em março de 1994, na Celesc, que seria dos sindicatos, estão sendo devolvidas aos eletricitários nesta e na semana que vem. Infelizmente a empresa não está devolvendo o imposto de todas pessoas para os sindicatos da Intercel. As secretárias (de novo!) e os técnicos industriais e de segurança tiveram os seus 60% encaminhados aos seus respectivos sindicatos. Espera-se que esses sindicatos mantenham a coerência do compromisso assumido pela Intercel. Quanto aos impostos de anos passados, os sindicatos continuam buscando sua parte (60%) para devolução e o percentual restante na Justiça. (veja matéria contracapa).

## Dinheiro dos engenheiros

Na Celesc a diretoria determinou que a mensalidade cobrada pelo Sindicato dos Engenheiros, descontada em abril, seja devolvida aos engenheiros. Para efetuar o desconto o Senge terá de encaminhar as devidas autorizações individuais. Na Eletrosul, cada engenheiro, caso queira, deverá encaminhar ao DRH correspondência sobre a devolução de abril e desautorizando futuros descontos.

## Mais ataques às fundações

Está nas mãos do presidente Itamar Franco um decreto que inviabiliza as fundações tipo ELOS e CELOS como entidades de previdência complementar. O governo está tentando legislar ilegalmente pelos bastidores, fazendo alterações por decreto, uma vez que não consegue que o Congresso vote o projeto de lei das fundações e nem a reforma constitucional. O momento exige ações das direções das empresas, fundações, sindicatos e associados, para barrar mais este ataque aos fundos de pensões das estatais.

# LINHA VIVA

Nº 270  
19/05/94

# Provocação

Desde março a direção da Celesc arrasta os eletricitários numa negociação inconsequente. Isto força estes trabalhadores a uma posição mais forte, que leve as discussões a um nível consequente.

Na terça-feira, o presidente da Celesc, Victor Fontana, negou a possibilidade de atender as reivindicações. Assim, conforme o combinado, a Intersindical está chamando a categoria para assembleias dia 23 de maio, onde será debatida a entrada ou não em greve a partir de 26 de maio.

"Temos que fazer uma boa discussão sobre o que fazer neste momento. Vamos tomar uma decisão madura e contundente, de forma tranquila", convoca Arno Cugnier, do Sinergia. "Se era para dar esta reposta, a empresa poderia tê-la dado no dia 1º de março, sem fingir que pretendia negociar."

Os sindicatos já encaminharam uma carta à população e outra ao presidente da empresa sobre o que será decidido em assembleia.

Desde março a Intersindical tenta discutir questões, que podem ser resumidas em três pontos: 1º) aplicação de 29,67% sobre o salário de fevereiro convertido em URV no final de março (1,8% a 15% sobre o contracheque de março, dependendo da faixa salarial); 2º) reposição de perdas (7,71% da diferença da inflação de fevereiro e 41,08% da inflação de mar-



ço); 3º) política salarial (toda vez que a inflação for superior a 5% a diferença será repassada para os salários).

Na resposta, o senhor Fontana cita problemas econômicos financeiros para não aplicar nada além da Medida Provisória. "Estão se escondendo atrás da MP, sem assumir sua responsabilidade. Senão como explicar o que dizem nos jornais de que a Celesc está muito bem economicamente? Ou será que a situação só ficou ruim nos últimos dias, para nos arrastarem numa negociação inconsequente?", pergunta Cugnier.

ASSEMBLÉIA  
GERAL  
TRABALHADORES DA CELESC  
DIA 23  
CONFIRA  
HORA E LOCAL  
NO SEU  
SINDICATO

## Greves da Ciasc e Casan

O Conselho de Política Financeira do governo de Estado parece adorar uma greve. Agora os alvos são a Casan e Ciasc que estão em data-base e não conseguem fechar um acordo. Na Casan já estão sendo realizadas paralisações regionais e, na Ciasc já aconteceram paradas durante esta semana. Segunda-feira os empregados da Ciasc decidem se entram em greve por tempo indeterminado.

## Teatro infantil

Nos dias 21 e 22, às 16h e 28 e 29 às 10h30min, será apresentada no Teatro Adolpho Melo, em São José, a peça infantil A Bruxinha que Era Boa. Este trabalho está sendo realizado pelo grupo Katê Calanquê, que é originário das oficinas de teatro que o Sinergia promoveu, no início deste ano, através do ator Valdir Onofre.

## Itá: mais um empurrão na privatização

O veloz processo de entrada da iniciativa privada no setor elétrico vai ter mais um "empurrão" nesta quinta-feira quando acontece, na sede da Eletrosul, a audiência pública para cumprir as formalidades de formação de consórcio para conclusão da usina de Itá. A velocidade é imprimida pela velha tática do "fato consumado": o calendário deste consórcio deixa tudo pronto até o final deste governo. Assim o próximo governo fica impedido de criar outra fórmula para a conclusão da obra.

## Inersindical recebe explicações sobre o Plano de Carreiras

Mais um novo Plano de Cargos e Salários está sendo implantado na Celesc. No mês de abril, ocorreu a primeira modificação em função de uma compactação no número de cargos da empresa. Uma nova nomenclatura reduziu o número de cargos de 292 para 52.

Ivo Finkler, do DPRH, explicou na segunda-feira, para a Intersindical, os detalhes deste novo plano. Segundo ele esta primeira etapa visa ampliar as possibilidades da empresa executar remanejamentos. Na segunda etapa do plano será feita uma "adequação funcional e salarial". Por exemplo: uma pessoa que tem como cargo auxiliar administrativo, mas exerce função de eletricista será colocado no cargo de eletricista. Este reequilíbrio terá reflexos provavelmente na folha de maio ou então apenas no próximo ano, em virtude das proibições da lei para períodos eleitorais.

Numa terceira etapa, para o ano que vem, será examinado, junto com as gerências, a vida funcional de cada empregado e acontecerá en-

O Sinergia criou um grupo de trabalho que está analisando as implicações do consórcio para poder se posicionar em breve. Mas Mauro Passos, presidente do sindicato, adianta algumas preocupações. "Por exemplo, a exclusão da Celesc neste processo e a participação de auto-produtoras localizadas fora do Estado. Está se iniciando a privatização do setor, usando um recurso natural de Santa Catarina para gerar energia para empresas que não estão ligadas à economia catarinense".

tão a progressão salarial, levando-se em conta o tempo de cada um na função e seu desempenho, dependendo do caixa da empresa. Os critérios para avaliação do desempenho estão ainda em estudos. E, por último, será criada a figura do "bônus por mérito" uma espécie de abono, a ser liberado em situações excepcionais, também dentro de critérios que serão estabelecidos.

O chefe do departamento de Recursos Humanos, Carlos Vicente Sampaio, prometeu à Intersindical que, uma vez feito o enquadramento, os sindicatos serão chamados para realizarem uma auditoria.

A Intersindical avisa os empregados da Celesc que, se houver dúvida sobre as modificações já ocorridas ou que venham a ocorrer, procurem seu sindicato ou representante sindical. Seu caso será analisado e, se for necessária, haverá uma revisão junto com a administração da empresa ou até mesmo via judicial.

# Débito fiscal impede mineradoras de vender carvão para a Eletrosul

Mais uma irregularidade apareceu para complicar ainda mais a já polêmica questão da compra de carvão pela Eletrosul: algumas das empresas que estão fornecendo o carvão em quantidade exagerada e a preços questionáveis à empresa não poderiam transacionar com empresas públicas, pois estão em débito com a Fazenda Estadual e com a Fazenda Federal.

Os números das cifras são impressionantes e uma das empresas chega a estar 19 vezes inscrita na dívida ativa da União. Até o início de fevereiro último estavam em falta com a Fazenda Estadual a Coque Catarinense Ltda, Companhia Carbonífera de Urussanga, Carbonífera Metropolitana S.A., Companhia Carbonífera Catarinense S.A., Carbo-

nífera Criciúma S.A., Carbonífera Barro Branco S.A. e Carbonífera Treviso S.A.

Até o final de março os números apontavam dívidas de milhões de dólares com o fisco federal (veja tabela). Estes fatos, certamente, vão aumentar as preocupações do Ministério Público, que está analisando a questão do carvão.

| Dívida das carboníferas com a União |                                     |                                    |
|-------------------------------------|-------------------------------------|------------------------------------|
| Empresa                             | Inscrições na Dívida Ativa da União | Valor da Dívida (CR\$) em 30/03/94 |
| Carbonífera Metropolitana SA        | 04                                  | 1.013.081.258,26                   |
| Cia Carbonífera Urussanga           | 03                                  | 1.130.947.259,90                   |
| Cia de Mineração Barro Branco       | 05                                  | 218.428.458,28                     |
| Cia Carbonífera Catarinense         | 05                                  | 227.006.057,09                     |
| Coque Catarinense                   | 19                                  | 2.121.837.795,99                   |

## OPINIÃO

## O esforço para defender plano FHC

Jacques Mick  
Jornalista

Para jornais, revistas e televisões, a democracia no Brasil acaba onde começa o direito de greve. Unidos na defesa incondicional do Plano FHC, os maiores meios de comunicação do país trataram com uma ira incompatível com os fatos a Jornada de Lutas da CUT contra o Plano, que teve seus principais momentos na semana passada. A falta de argumentos objetivos para a defesa do Plano, do qual depende a candidatura presidencial do ex-ministro Fernando Henrique Cardoso (PSDB), apelaram para o senso-comum e, o que é pior, para a mentira.

A semana foi particularmente nervosa. Incompetentes para negociar com os trabalhadores, governadores de estado e o presidente Itamar Franco tomaram atitudes histéricas diante das manifestações de pequenos agricultores e sem-terra, funcionários públicos estaduais e federais, motoristas, cobradores e metroviários. Mestre da confusão, o presidente Itamar decidiu na terça-feira, 10, mobilizar 2 mil militares para intervir nos prédios da Polícia Federal em São Paulo, Belém, Porto Alegre e Brasília.

A greve dos 7 mil policiais completava 52 dias sem solução, para exigir equiparação salarial com os policiais do Distrito Federal. O show armado dos milicos apavorou políticos de bom-senso, ganhou o aplauso dos teleguias e motivou frases de efeito do primeiro escalão do governo. "Eles são 7 mil, nós somos 160 mil", afirmou o ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE, o ex-SNI), Mário César Flores, a parlamentares dispostos a esfriar os ânimos do Planalto. "Eles são delinquentes. E se tiver que morrer gente, morre. Nós vamos intervir e restabelecer a ordem".

A semana terminou sem juntar novos cadáveres à história de mutilações diárias de um modelo econômico excludente. Mas foi por pouco. Em Porto Alegre, na quarta-feira, 11, a tentativa de ocupação do prédio da Receita Federal por 2 mil pequenos agricultores e sem-terra foi contida por um batalhão da Brigada Militar. O saldo da briga das foices contra os casetes e bombas de gás lacrimogêneo foi de 29 feridos (17 colonos, 11 brigadianos e um funcionário da Receita). Em outras 17 capitais brasileiras, os trabalhadores rurais envolvidos com o "Grito da Terra Brasil" realizaram ocupações semelhantes, sem batalhas armadas. Os jornais, é claro, condenaram os agricultores.

Porta-voz da mistificação e da pantomima, o Jornal Nacional do dia 11 deixou de cabelos em pé quem esperava uma cobertura racional dos protestos que movimentaram o dia. "Serviço público é para servir o público", disse o colunista Alexandre Garcia, "justificando" a intervenção do Exército com um argumento que deixaria Descartes corado. O senso comum não foi contido aí. "O Exército não fala, age", disse o mesmo Garcia. Ah, é?

Por trás dos delírios verbais, a crença estapafúrdia de que "a CUT estaria empenhada numa escalada de greves destinada a desmoralizar o governo e afundar o plano econômico", na descrição da revista IstoÉ, que atribui essa "informação" a "relatórios produzidos pela SAE". A mesma Secretaria investigou por dois anos o Movimento Sem-Terra e concluiu que os trabalhadores "adotaram a violência como método político", o que gerou novas manchetes nos jornais preocupados em mostrar que protestar não é democrático. Na mesma semana, os agricultores ocuparam prédios públicos nas capitais para exigir reforma agrária, com uma preocupação central: de 1989 a 1992, aconteceram 1.953 conflitos envolvendo posse da terra,

com 335 ameaças de morte a trabalhadores rurais; de 1964 a 1993, 1.744 trabalhadores do campo foram assassinados. E a "violência" é do MST.

Quando o assunto muda da falta de política agrícola para um plano econômico que traz prejuízos para os trabalhadores, a imprensa é ainda mais contundente na incorporação de delírios a título de verdades. IstoÉ afirmou que "a estratégia da central sindical (a CUT) vai mais além: decidiu apoiar explicitamente a candidatura Lula". Decidiu quando, meu filho? O 5º Concult começa nesta quinta-feira, 19, e o apoio ou não a alguma candidatura vai ser um dos temas mais polêmicos do Congresso. Houve ainda quem tenha dito de outras maneiras que as greves ocorriam para beneficiar a candidatura de Lula; outros disseram que o "greivismo selvagem" prejudicava Lula. Às vezes, essas "informações" estavam na mesma edição.

A Folha de S. Paulo empenhou-se para forjar uma abordagem "objetiva". Encontrou uma pesquisa ao DataFolha e deu na manchete: "41% acham que eleição causou onda de greves". Acham". Aí o leitor vai atrás da pesquisa e descobre que 51% dos consultados qualificam as greves como protesto contra "os salários, que estão baixos" ou contra "o plano econômico, que piorou a situação dos trabalhadores" - as duas alternativas aparecem assim, separadas, na pesquisa "objetiva".

Quando jornais, revistas e televisões são movidos por preconceitos, quem perde é o cidadão, que tem nos meios de comunicação uma espécie de janela por onde vê o mundo. Se já defendem a candidatura de FHC, ou qualquer outra, seria mais honesto que os veículos assumissem isso logo. O leitor, ou telespectador, poderia ter uma noção mais clara da ideologia que dá rumo ao noticiário. Mas jornais, revistas e televisões têm uma noção muito difusa do que seja a democracia.

## Empreiteira trabalha sem equipamento de segurança

Mesmo sem as menores condições de segurança para seus trabalhadores a empreiteira Eletrobox vai continuar fazendo serviços para a Celesc. A SPOD/DVDI (Mafra) constatou que a empreiteira não dispunha de luvas cintos de segurança e escadas em condições de uso além de não ter capacetes em número necessário.

Informado pelos supervisores de que um determinado serviço seria suspenso, os chefes da Agência de Mafra e da DVDI determinaram a execução de tais operações pela Eletrobox "devendo para tal a fiscalização avaliar cada situação e redobrar a atenção quanto aos aspectos de segurança". Ou seja, a empreiteira trabalha sem equipamento e os fiscais da Celesc ficam avaliando cada passo da manobra para preservar a segurança. Segundo eles a manutenção dos trabalhos visa a "integridade do sistema e honrar os compromissos da Celesc".

Os dois chefes, no entanto, tomaram uma atitude "enérgica" suspendendo a programação de novos serviços depois do dia seis de junho, prazo dado para a Eletrobox regularizar a situação. As irregularidades foram verificadas pelos funcionários da Celesc durante uma inspeção feita no dia 27 de janeiro e a Eletrobox foi notificada de que deveria resolver o problema até 28 de fevereiro, mas até a nova inspeção, em 29 de abril, nada havia sido feito.

Caso ocorra algum acidente quem assumirá a responsabilidade? A resposta deve ser dada pelo Diretor de distribuição e os chefes da agência.



# TRIBUNA LIVRE

## Os desafios de uma candidatura

Mauro Passos  
Presidente do Sinergia

Quando Collor assumiu o governo e começou a por em prática sua política de acabar com o Estado, demitindo funcionários, vendendo estatais e fechando órgãos públicos, pouca resistência encontrou para implantar seu descabido projeto.

Foi no setor elétrico, um dos principais alvos das tropas de choque collorista, que surgiu o primeiro e forte foco de resistência que ousou se contrapor aos desmandos e arbítrios orientados por Collor de Mello. Prova disto, é que foi justamente neste setor as primeiras greves e as inúmeras denúncias de corrupção.

Como forma de quebrar esta resistência que aflorava e se espalhava para outras categorias, o governo nos fez sentir na carne as punições e as demissões contra os trabalhadores e dirigentes sindicais do setor.

O Comando Nacional dos Eletricitários, à frente deste movimento de resistência, diante da crise e da tensão reinantes, logo se deparou com a sua debilidade política por não ter uma representação parlamentar direta e capacitada para canalizar e encaminhar a luta de uma das maiores e mais organizadas categorias de trabalhadores.

A partir deste instante (cerca de três anos atrás), começou-se a discutir a necessidade de se buscar dentro do movimento sindical eletricitário quadros já formados que estivessem aptos para atuar nos parlamentos, contribuindo nos grandes debates que orientarão a política de desenvolvimento que se quer para o Brasil do próximo milênio.

Levada esta preocupação para dentro das intersindicais, buscou-se em cada estado um dirigente sindical para enfrentar OS DESAFIOS DE UMA CANDIDATURA, tendo como compromisso um mandato democrático e popular, que resgate a POLÍTICA como atividade que dignifique a condição humana e contribua para a construção de uma sociedade solidária e fraterna.

Em Santa Catarina a discussão convergiu para o meu nome, provavelmente embasada num passado distante: desde 1985 à frente da Aprosul e depois, por três mandatos, à frente do Sinergia. Nesta trajetória, devido a uma atuação coletiva, permanente e transparente, tive a possibilidade e a condição de crescer como ser humano, capacitando-me para aceitar este novo desafio.

Diante da grave crise em que opais está colocado, a campanha que se avizinha é da maior importância para todos nós, independente do papel que venhamos a desempenhar. Temos a obrigação de nos envolvermos neste processo com consciência e responsabilidade, quer sejamos candidatos, militantes, simpatizantes ou simples eleitores.

Da parte que me cabe, despidido de ambições pessoais, encaro esta tarefa como um desafio coletivo de abraçar projetos mais amplos que contemplem as reformas estruturais da sociedade, do Estado e das instituições.

## EDITORIAL

## Pizza verde-oliva

Itamar Franco mostrou a sua face golpista ao mandar o Exército invadir a sede da Polícia Federal, cujos trabalhadores estão em greve. Ato contínuo, mostrou que nem para ser autoritário tem vocação: não teve tope para manter a resolução, cedeu às pressões e recuou.

O Congresso Nacional mostrou que é uma farsa ao absolver Ricardo Fiúza em seu plenário, e atraiu para si - pela milésima vez - a indignação e a desconfiança da população.

O país é sufocado pela azeda mussarela de uma pizza verde-oliva, temperada pela pressão dos militares ciosos pela "manutenção da ordem" no caso da PF. A substância do cardápio, no entanto, é fornecida pela putrefata massa da corrupção, capaz de causar indigestão no mais tolerante dos cidadãos.

Nossa institucionalidade se mostra vertiginosamente frágil e a democracia vulnerável aos ataques e arroubos de indivíduos, grupos e gangs, que habitam um quadro paradigmático da indigência moral.

## EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Conselho Editorial: Fábio Pedro Dal Bó, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Glauco C. Marques e Luiz Cézar Vieira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS 4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

